

PIBID: PRIMEIRA IMPRESSÃO ENTRE OS DESAFIOS E O TRABALHO DOCENTE

EDUARDO SCHIAVON DOS SANTOS¹; TIELY MASCHKE CARDOSO²; MARIA GIOVANA BURKERT³; FÁBIO MACHADO PINTO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – dudusdossantos@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – tielymaschke15@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – gi.burkert@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – pinto.fabio@ufpel.edu.br

Introdução

O PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) como o próprio nome sugere, inserir alunos universitários ao mundo docente, introduzindo-os dentro de uma escola para que ainda cedo possam adquirir experiências dentro deste caminho. Pelo fato do curso de Educação Física estar ligado de forma intrínseca a lógica de passar conhecimento, seja de forma prática ou teórica, para aqueles que estão seguindo o caminho das práticas corporais, ainda mais pelo lado da licenciatura, se torna uma oportunidade mais que essencial estar nesse programa. Ao ser selecionando, cada bolsista será enviado a uma escola específica e a uma turma específica para a o ganho de experiências e coleta de dados e informações.

Metodologia

A escola para a qual alguns de nós fomos selecionados se chama E.M.E.F. Santa Irene, inaugurada em 20 de março de 2000, no bairro Pestano, e atualmente atende cerca de 390 alunos divididos em 23 turmas desde o pré 2 ao 9º ano, dos 5 aos 15 anos, nos turnos manhã e tarde. Dentro destes 390 alunos, a escola que conta com 3 deficientes físicos, ainda com crianças com outras deficiências como autismo.

A divisão do grupo selecionado para a esta escola se resumiu em duas duplas e um trio. Os integrantes deste trabalho são a dupla que atua no colégio a quintas feiras nos dois primeiros períodos da manhã na turma de quinto ano A, sedo os dois integrantes: Eduardo Schiavon dos Santos, 20 anos e atualmente no terceiro semestre do curso ABI de Educação Física do turno noturno, e Tiely Maschke, 19 anos e atualmente no quarto semestre do curso ABI de Educação Física do turno diurno.

Ao ser apresentado novamente a um cenário escolar, mas agora tendo a vista do lado do educador, temos uma noção totalmente nova sobre como o mundo da docência funciona, quando alunos, não entendemos os motivos dos professores trabalharem da maneira que trabalham, o que em certos casos, pode fazer o aluno acreditar que o seu professor não gosta dele ou da turma como um todo, o que poderia até mesmo acabar levando a conflitos. E ao ser apresentado ao outro lado desta moeda, temos uma nova verdade, onde em um caso como este, nenhum professor odiaria verdadeiramente seus alunos, e se isso acontecer, seria errado, afinal de contas, estamos ali para transmitir conhecimento e até certo ponto, acolher os alunos, juntamente com o objetivo de criar a próxima geração de pensadores. O que temos então, são profissionais que realmente devem gostar do que fazem, e que ainda tem esperança no que podem fazer através da educação e nas pessoas.

Dentro das experiências adquiridas dentro do PIBID, vemos que em escolas de áreas mais periféricas e carentes, a educação está jogada de lado, isso é ainda

mais agravado pelo fato de termos uma necessidade de economizar ao máximo as verbas enviadas pelo governo, limitando a forma como trabalhamos tendo que muitas vezes, retirar dos nossos próprios bolsos o dinheiro necessário para a compra de materiais se quisermos trabalhar com algo diferente ou produzir algum material diferente para ministrar as aulas, principalmente nestas áreas deficientes de cuidados, lugar este onde mais queremos dar foco e atenção.

Observamos a falta de verba afetando a infraestrutura da escola, como um claro exemplo temos um ginásio/centro de eventos feito pela metade e abandonado, ou até mesmo a falta de verba para quadras cobertas e adequadas não só para a prática de esportes, mas para proteção em alterações do clima como sol e chuva. Esta falta de investimento na educação afeta na compra de matérias para a realização das aulas, em especial as aulas práticas da disciplina de educação física que utiliza uma variedade e quantidade de matérias que também exigem manutenção e renovação constantes, fazendo com que o profissional trabalhe com pouco material prejudicando o aprendizado dos alunos.

Durante o período em que atuamos na escola, não houve problemas em questões espaciais, já que na escola em que atuamos, há bastante espaço, contando com uma simples quadra de vôlei e um espaço aberto com solo de terra pura, onde normalmente é usado para jogos de futebol ou caçador, além de contar com outros espaços que não seriam adequados para se usar na prática de atividades físicas, mas que se necessária, poderiam ser convertidos para que pudessem ser utilizados para tais práticas. Apesar de não haver problemas em questão de áreas para podermos fazermos as aulas práticas, destacamos que nesta questão, já que como dito antes, dentro da área da escola, há uma construção incompleta e abandonada cujo objetivo era tanto servir como um ginásio, como uma área aberta para eventos e apresentações de eventos, espaço este que está abandonado e inutilizado, pois há perigo das telhas caírem, e ferirem alguém que esteja perto, além do fato desta área ter um histórico de ser invadida justamente para roubar estas mesmas telhas, já que esta é a única coisa que há nesta área que pode ser retirada e levada.

Dentro das questões materiais da escola, temos uma certa quantidade de materiais onde todos são usados e não há nenhum material novo, o mais visível é o fato de ter um grande número de bambolês, onde poucos são realmente utilizáveis, já que a maioria está quebrado e sem condições de serem usados, além disto, contamos com bolas das mais variadas, mas com um número limitado, onde deve-se cuidar sempre para não serem perdidas ou furadas, há também materiais específicos, como bolas de yoga, que pelo número reduzido só pode ser utilizado em ocasiões específicas, se fossem utilizadas com sabedoria poderiam ser feitos projetos para contribuir nas práticas corporais, já que não falta disposição para realizar este tipo de atividade.

Dentro das aulas em específico, vemos uma lenta, porém gradual, evolução dos alunos, como exemplo, uma aula onde os mesmos queriam jogar voleibol, mas devido ao fato de não estarem familiarizados com as técnicas básicas do jogo, ao invés de apenas jogarmos de qualquer jeito, treinamos de forma básica e descontraída alguns movimentos do jogo, e algumas aulas após termos treinado estes movimentos, os alunos novamente pediram para jogar, onde desta vez, alguns alunos demonstraram um uso rudimentar das técnicas passadas anteriormente, mostrando uma leve evolução das suas próprias capacidades.

Dentro do parágrafo anterior, descrevemos um rápido relato de como os alunos possuem um solo fértil para adquirir conhecimento e gerar experiências. Falando especificadamente dos alunos que foram designados para nossa responsabilidade, crianças do quinto ano com idades entre 11 e 12 anos, observamos por parte deles

um carinho pela educação física, apesar de ser algo obvio, já que, provavelmente, esta pode ser a única disciplina onde estas crianças podem sair para a quadra para brincar, jogar e praticar algum esporte.

Observamos durante nossas aulas do quinto ano que os alunos mais velhos de outros anos só querem sair das salas para se livrar de ter q fazer as tarefas e ficar livremente no pátio mesmo em aula de educação física, isto não acontece com os alunos mais novos que qualquer atividade proposta é recebida com entusiasmo e alegria.

Resultado e discussões

De alguns anos para cá, vemos um aumento gradativo de crianças com necessidades especiais conseguindo seu lugar de direito dentro das salas de aula, o que nos mostra uma aceitação cada vez maior dos seus pais apesar do medo que seus filhos sofram bullying por parte de outros alunos, medo este que conforme os anos vem passando, está diminuindo graças a políticas públicas feitas especialmente para permitir que mais crianças possam ter um acesso justo a um sistema educacional decente.

Na turma em que atuamos frequenta dois alunos com autismo leve, um menino e uma menina, que permite participar normalmente das aulas sem a necessidade constante de alguém os acompanhando, isso não significa que não seja visível em certos momentos que sempre é necessário tomarmos cuidados com estas crianças.

Conforme nós cavamos mais fundo e vamos aos poucos entendendo como as suas engrenagens funcionam, entendemos o quanto a educação é desacreditada no Brasil, ao termos um índice exacerbado de evasão escolar, no qual, mesmo dentro dos anos iniciais, temos uma evasão de 0,9 % do número total de crianças, mesmo com o fato de entre os anos iniciais, órgão terem um certo controle sobre a escolarização dos alunos, mas conforme os alunos vão atingindo a maior idade, este controle é retirado e estes níveis sobem para 5,8 % de evasão do ensino médio em 2021, 2,1% em 2020 e 5,3 % em 2019.

Conclusões

Ao ingressarmos no PIBID e sermos inseridos ao mundo docente, naturalmente somos introduzidos a conhecimentos que já foi passado nas aulas e a conteúdos que ainda nem mesmo foram apresentados, como as capacidades táticas básicas e capacidades coordenativas, que ao serem apresentadas dentro de uma sala de aula com slides, vemos estas teorias se tornam reais enquanto estamos vendo na práticas dentro das escolas com as turmas. Obtendo estas duas visões, a teórica e a prática, faz com que este programa complete lacunas na dentro da formação. Para aqueles que se tornam membros do PIBID, contemplam uma formação mais completa, ainda mais pelo fato de que mesmo que seus bolsistas não sigam pela licenciatura, esta experiência se torna indispensável para qualquer um que ainda queira seguir pelo caminho das práticas corporais.

REFÊRENCIAS

PAINEL DE DESIGUALDADES EDUCACIONAIS NO BRASIL. **Abandono escolar.** Disponível em: <https://desigualdadeseducacionais.cenpec.org.br/permanencia-escolar.php>. Acesso em: 12. set. 2023.